

A Islamofobia no Pós-11 de Setembro

Cláudia Pedra

Amnistia Internacional

Embora o termo islamofobia tenha surgido pela pena de Etienne Dinet em 1922⁽¹⁾, nunca este termo foi tão avidamente usado, como no mundo pós-11 de Setembro. Embora o seu uso seja discutível e em muitos casos se fale de discriminações que vão além do factor religioso, é indissociável a actual instigação do medo pelo terrorismo à comunidade muçulmana.

A tendência securitária dos últimos seis anos, claramente instrumentalizada pelas potências que lideram a chamada “guerra ao terror”, abateu-se sobre a Europa, tornando-a cada vez mais fechada e pouco hospitaleira. Na verdade a Europa tem colaborado activamente no falso pressuposto da insegurança ligada à imigração e tem criado barreiras cada vez mais activas, contribuindo até para barrar a entrada dos requerentes de asilo, que procuram na Europa um porto de abrigo. A Europa assume hoje um verdadeiro estatuto de Europa-fortaleza tentando não só diminuir os direitos consagrados dos seus cidadãos, como impedir todos os estrangeiros de deles usufruírem. Talvez isso seja demasiado evidente no facto da Europa não promover uma harmonização das suas políticas de imigração, e não hesitar em combinar métodos restritivos de combater os fluxos de migrantes. Fluxos esses de que o velho continente tanto precisa para assegurar a sua força laboral. Até as políticas de troca de informação e formação em matéria de asilo, parecem estar a ser combinadas com um teor mais policial do que de partilha legítima de métodos formativos que poderiam contribuir para uma maior eficácia. Isto apesar da Europa estar confrontada, mais do que nunca, com violentas redes de tráfico e contrabando de seres humanos, que trazem estes migrantes desesperados em condições desumanas ao território europeu.

A questão dos chamados “clandestinos” que atracam nas costas espanholas e italianas tornou-se um problema maciço, não só de migração, mas de catástrofe humanitária, obrigando os países europeus a repensarem, mais uma vez, as suas políticas de partilha de responsabilidade. Deixa também bem claro que a falta de políticas de integração harmonizadas e consentâneas com os ideais e os valores de protecção europeus levaram a que estas catástrofes assumissem as dimensões que actualmente têm. Contudo, há que ir além das situações dos migrantes norte-africanos e deixar claro que diariamente muitos outros homens, mulheres e crianças chegam em contentores fechados, tectos de comboios e outros transportes improvisados e igualmente perigosos, das várias regiões do mundo. Muitos milhares nunca chegam a engrossar as estatísticas dos migrantes europeus, pura e simplesmente porque não conseguem sobreviver à jornada.

Mas se é certo de que ser migrante na Europa é hoje mais penalizado do que há dez anos atrás, com constantes ataques racistas e xenófobos, até pelas chamadas pessoas idóneas, pior do que ser imigrante é ser muçulmano. Os muçulmanos europeus têm vários factores que funcionam a seu desfavor: são maioritariamente imigrantes ou têm familiares directos que o foram; apesar de originários de etnias e culturas diferentes são vítimas de estereótipos generalizados; são sócio-economicamente ostracizados; e são directa ou indirectamente associados ao terrorismo global. Na verdade, a integração dos muçulmanos europeus está a ser minada pela “guerra ao terrorismo”. A islamofobia coincide com outras formas de discriminação, e torna-se indistinguível dos fenómenos de xenofobia, políticas restritivas de imigração, rejeição de diferenças culturais e medidas antiterroristas. Esta teia de razões para discriminar torna-se de tal maneira emaranhada que a motivação por detrás delas pode ser impossível de distinguir.

Sendo o terrorismo um fenómeno transnacional, apresenta-se na Europa como um problema securitário simultaneamente interno e externo. Embora se possa discutir os

pressupostos em que este passou a ser um problema europeu, os líderes da “guerra ao terrorismo” – os EUA – gostam de avançar teorias como as da conspiração do 11 de Setembro ter sido feita na Alemanha, de terem dezenas de suspeitos de terrorismo presos em Guantánamo e noutros locais de detenção semelhantes após terem sido detidos em solo europeu, ou que desde 2001 os Estados da UE prenderam mais de vinte vezes o número de suspeitos de terrorismo que os EUA⁽²⁾.

Uma análise às políticas antiterroristas europeias dos últimos anos mostra claramente uma tendência para classificar os muçulmanos europeus como “inimigos estrangeiros”, contribuindo assim para uma diminuição da protecção dos seus direitos humanos. Só a instigação irracional do medo pelo terrorismo, apresentando-o não como o fenómeno intemporal que é, mas como algo recente e nefasto ao ponto de assassinar a humanidade, é que explica o absurdo de classificações deste tipo. A comunidade muçulmana, apontada como terrorista antes até de haver suspeitos, reage com o medo que é próprio numa situação deste tipo, abandonando até as suas vestes tradicionais com temor pelas represálias. Esta situação é especialmente evidente em países europeus com comunidades muçulmanas altamente minoritárias, preferindo sacrificar a sua identidade a pôr em perigo a sua integridade física e psicológica. Este medo irracional do terrorismo leva também a situações limites, em que as próprias pessoas preferem render os seus direitos humanos, em prol de uma segurança acrescida. Só assim se explica a abdicação tão negligente de princípios como a da presunção da inocência, da privacidade, da protecção contra a detenção arbitrária, da defesa contra a tortura, por parte de europeus demasiado assustados para verem as consequências a médio e longo prazo dessa abdicação.

Os europeus, embarcando na histeria mundial pós-11 de Setembro, parecem ter esquecido os ataques terroristas que os minam há tantos anos, em países como a Irlanda ou a Espanha, estão agora activamente a contribuir, quer com a sua informação ou a sua conivência, para uma opinião pública favorável à restrição de direitos e ao uso de formas tão grosseiras de punição como a tortura ou outros tratamentos igualmente cruéis, desumanos ou degradantes. Em nome do combate ao terrorismo, os cidadãos europeus admitem o recurso a práticas de sufocamento, privação de sono e outras, desde que aplicadas aos suspeitos de terrorismo. Esquecem-se, com uma ingenuidade atroz, de que poderão estar também nesse rol de suspeitos, mais cedo ou mais tarde. Mas tal como a história penosamente nos demonstra através dos seus ciclos, a humanidade nunca assume a defesa dos que são diferentes ou minoritários, até que as políticas que os reprimam atinjam também os que são norma ou maioria. Hoje a islamofobia vive-se intensamente, mas talvez o medo do terrorismo leve a uma mudança de ciclo mais depressa do que pensamos.

(1) In *L'Orient vu de l'Occident*

(2) Jocelyne Cesari, *When Islam and Democracy Meet: Muslims in Europe and in the United States* (New York: Palgrave Macmillan, 2004)